

# Letramento digital de professores: um estudo de suas práticas e dificuldades em tempos de pandemia e afastamento social

*Digital literacy of teachers: a study of their practices and difficulties in times of pandemic and social distancing*

Alyssandra Viana Fonseca<sup>1</sup>  
Patrícia Micarla Guedes da Silva<sup>2</sup>  
Ana Maria de Oliveira Paz<sup>3</sup>

## RESUMO

A pandemia por COVID-19 modificou o cotidiano de profissionais em inúmeras atividades humanas, fazendo com que recorressem a artefatos digitais e às redes sociais para atenuar os impactos gerados pelas medidas governamentais de isolamento social. No caso dos trabalhadores docentes com ou mais de sessenta anos, inicialmente, considerados grupos de maior vulnerabilidade ao vírus, tais medidas ocasionaram mudanças em suas práticas profissionais, sobretudo, com a migração do formato de trabalho do presencial para o remoto. Nessa perspectiva, o presente artigo analisa as práticas de letramentos digitais desses profissionais, as dificuldades enfrentadas e os seus impactos nas atividades de ensino, inclusive, nas interações sociais. Para os aportes teóricos, adotamos os estudos dos Letramentos como prática social (KLEIMAN, 1995) e os Letramentos digitais em espaços escolares (RIBEIRO 2009; 2021; ROJO, 2009; XAVIER, 2002). Metodologicamente, a pesquisa é de abordagem qualitativa (BODGAN; BIKLEN, 1994) e sua geração de dados ocorreu mediante entrevistas semiestruturadas realizadas via plataformas *WhatsApp* e *Google Meet*. Participaram da investigação três professores com idades de 60 a 67 anos, atuantes em instituições do interior do estado do RN. Os resultados revelaram as dificuldades desses profissionais quanto ao manuseio de recursos digitais através do computador e do celular, em situações de atuação docente, o que sugere a necessidade de formações focadas nas diversidades dessas ferramentas, como também em seus usos em práticas de sala de aula, de modo a fortalecer o letramento digital desses profissionais ainda ativos em atividades laborais.

**Palavras-chave:** Pandemia da COVID-19. Ensino remoto. Letramento digital de professores.

## ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has changed the daily life of professionals in countless human activities, making them resort to digital artefacts and social networks to mitigate the impacts that government measures of social isolation have generated. In the case of teaching workers over sixty years of age, initially considered groups of greater vulnerability to the virus, such measures led to changes in their professional practices, especially with the migration of the work format from face-to-face to remote. In this perspective, this article analyzes the practices of digital literacies of these professionals, and the difficulties faced and their impact on teaching practices, including in social interactions. Theoretically, the study is informed by contributions from *Literacy as a social practice* (KLEIMAN, 1995) and *Digital Literacy in pedagogical field* (RIBEIRO, 2009; 2021; ROJO, 2009; XAVIER, 2002). Methodologically, the research is qualitative (BODGAN; BIKLEN, 1986), and its data generation occurred remotely through semi-structured interviews by *WhatsApp* and *Google Meet*. Three teachers working in schools in the countryside of the state of Rio Grande do Norte, and aged between 60 and 67 years have participated in the research. The results revealed the difficulties of these professionals regarding the handling of digital resources through the computer and cell phone, in teaching situations. This suggests the need for training focused on the diversity of digital tools, as well as on their use in classroom practices, in order to strengthen the digital literacy of those professionals who are still active in their work activities.

**Keywords:** COVID-19 Pandemic. Remote teaching. Teacher digital literacy.

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2132-072X>. E-mail: [alyssandraviana01@gmail.com](mailto:alyssandraviana01@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4507-9985>. E-mail: [patriciamicarla13@gmail.com](mailto:patriciamicarla13@gmail.com).

<sup>3</sup> Docente da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Currais Novos/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5621-4938>. E-mail: [hamopaz@yahoo.com.br](mailto:hamopaz@yahoo.com.br).

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 modificou consideravelmente o cotidiano das pessoas em diversos segmentos sociais, dentre eles, o da educação e das relações interpessoais. Essa realidade, instaurada no início de 2020, pelo agravamento da saúde pública, estreitou e dinamizou as práticas de letramentos digitais, fazendo com que muitos profissionais, incluindo os docentes, recorressem ao uso de artefatos (computadores, *tablets* e *smartphones*) e a recursos digitais (*Google Meet*, *Zoom*, redes sociais etc.) acessados pela *internet* para retomar suas atividades de trabalho. Essa medida de lançar mão de práticas de letramentos digitais se instaurou mais amplamente diante da necessidade de atenuar os impactos, sobretudo na esfera educacional, ocasionados pelas medidas governamentais de isolamento social que direcionaram a mudança do formato de trabalho vigente, que passou do modelo presencial para o remoto.

Frente a essa nova realidade, surgiu-nos o seguinte questionamento: será que os professores, sobretudo aqueles inseridos na faixa etária a partir de sessenta anos, e ainda atuantes em salas de aula, estariam preparados para atender às demandas quanto aos usos satisfatórios dos artefatos digitais conectados à *internet*, considerando o fato de que esses usos não eram tão recorrentes em suas rotinas de trabalho presencial?

Movidas pela busca de respostas para o referido questionamento, optamos por centrar foco numa realidade latente na educação brasileira, já há algum tempo problematizada no âmbito das questões dos letramentos docentes: a (não) proficiência docente quanto ao manuseio das tecnologias digitais e seus respectivos letramentos, cuja utilização, com o fechamento de escolas e universidades, ganhou o *status* de exigência profissional nessa nova dinâmica de ensino impulsionada pela pandemia.

Diante do exposto, o presente artigo, produzido a partir da análise de dados qualitativos, pautada em *corpus* constituído por respostas a entrevistas semiestruturadas, realizadas com três professores, com idades de 60 a 67 anos, tem por objetivo discutir as práticas de letramentos digitais e as conseqüentes dificuldades enfrentadas por esses profissionais no curso de suas interações laborais quando do ensino remoto, demandante do uso constante de dispositivos, plataformas e aplicativos digitais. Para tanto, focaliza as vivências e experiências de profissionais docentes que se encontram ou se encontravam ativos no seu ofício, somando-se aos estudos que contemplam práticas e interações sociais de letramentos digitais, especificamente para o público com idade mínima de sessenta anos.

Em termos organizacionais, este artigo contempla as seguintes seções: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussões, além da conclusão e referências. Na introdução, contextualizamos a realidade investigada, a problemática em questão e o objetivo estabelecido. No referencial teórico, apresentamos os fundamentos que ancoram as discussões propostas. Por sua vez, na metodologia, destacamos os eixos que direcionaram a realização da pesquisa em questão. Na seção dos resultados e discussões discutimos as práticas de letramentos digitais dos professores participantes, embasados em referenciais dos Estudos de Letramento. Finalizando, trazemos as conclusões, geradas com base nas discussões e no objetivo focalizado, além das referências abordadas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, as discussões sobre os Estudos de Letramento despontaram na segunda metade da década de 1980 e, durante algum tempo, estiveram relacionados à alfabetização, ocasionando o emprego do termo “letramento” como seu sinônimo em algumas discussões. Em razão disso, vários estudos e publicações foram produzidas na tentativa de estabelecer uma distinção entre ambos os termos. Como exemplo, podemos destacar as publicações de Kleiman (1995), Soares (2001), Tfouni (2004) e Mortatti (2004), que buscaram apresentar definições para o ato de alfabetizar, assim como para a conceituação dos termos “alfabetização” e “letramento”, na perspectiva de desfazer o uso desses construtos como semelhantes.

Na concepção de Soares (2001), alfabetização compreende a ação de alfabetizar, ou seja, ensinar o indivíduo a ler e escrever, tornando-o conhecedor do código escrito, ao passo que o letramento diz respeito ao estado ou à condição daquele indivíduo ou grupo que se apropria não somente da escrita, mas também das práticas sociais que a envolvem, a fim de agir discursivamente perante as exigências do seu cotidiano. Kleiman (1995) destaca que o termo letramento passa a ser empregado para separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências escritoras individuais. Ultrapassando essa ótica que vincula o letramento à alfabetização, os estudos implementados no Brasil passaram a seguir as tradições americanas e europeias, dando ênfase ao que as pessoas realizam mediante as práticas de leitura e de escrita, requeridas pelas demandas sociais que permeiam inúmeros segmentos: interpessoal, profissional, religioso, da saúde, dentre outros.

Nessa conjuntura, corroborando as concepções propostas por Kleiman (1995), Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), entendemos que o termo “Letramentos” é o mais adequado, haja vista não existir um único letramento, mas diversas práticas letradas que intercambiam as mais variadas instâncias da vida social. Isso também explica o caráter situado dos letramentos, uma vez que essas práticas de leitura e de escrita integram toda e qualquer interação humana e assumem características intrínsecas, a depender dos propósitos, das especificidades das esferas sociais em que elas acontecem, bem como das culturas em que essas práticas se inserem.

Em outras palavras, o termo “letramento”, em um passado recente, parecia ser suficiente para atender às expectativas em relação ao seu uso. No entanto, em virtude dos avanços tecnológicos contemporâneos, parece ser mais apropriado utilizar a palavra “letramentos” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020) para abarcar a amplitude que suas práticas assumem. Esses letramentos, portanto, estão relacionados tanto a aspectos antropológicos (as relações do homem em sociedade) quanto multissemióticos (multiplicidade de linguagens utilizados nessas relações), conforme destacado por Rojo (2009, p. 98):

[...] o letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolve a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrinando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.).

Importante frisar que o fenômeno do letramento adquire um significado múltiplo, pois abrange “pelo menos duas facetas: a *multiplicidade de práticas* de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a *multiculturalidade*, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente” (ROJO, 2009, p. 109;

grifos da autora). Logo, abarca tanto questões direcionadas aos usos para atender diversos propósitos, como comunicar, interagir e/ou atender às demandas institucionais, entre outras, quanto questões mais amplas, de natureza multicultural. As práticas letradas podem ser usadas em diferentes culturas, de formas diversificadas, a depender das demandas e necessidades dos indivíduos que a integram.

No âmbito das múltiplas linguagens e multissemiões, destacam-se, por exemplo, os usos de hipertextos, dispostos no monitor do computador e nas telas dos celulares em *layouts*, fontes e cores diversas, além de possibilitarem a integração de *links*, imagens, vídeos e áudios em suas composições, ou seja, compreendem “[...] uma nova forma de apresentar, representar, articular e trabalhar, linguística e cognitivamente, os dados multiformes” (XAVIER, 2002, p. 28).

Nessa discussão, vale ressaltar as novas habilidades e competências exigidas para a efetivação dos usos desses recursos que demandam a ampliação dos letramentos dos indivíduos, principalmente os digitais. Para Ribeiro (2009, p. 30), esses letramentos constituem-se “[...] das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas por indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicação eficiente em ambientes digitais, sejam eles suportados pelo computador ou por outras tecnologias de mesma natureza”.

À luz dessas considerações, compreendemos que os letramentos digitais propiciam aos seus usuários o contato com infinitas possibilidades de uso da linguagem através do ambiente virtual, em atendimento às diversas demandas de interações sociais mediadas por artefatos digitais. Na visão defendida por Buzato (2006, p. 16), esses letramentos compreendem um conjunto de

[...] práticas sociais que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.

Daí ser possível depreender que os letramentos digitais são de grande relevância, pois além de beneficiarem a interação entre pessoas em tempo real, minimizando as barreiras geográficas, também suscitam dos interactantes o desenvolvimento de um conjunto de competências. Estas incluem desde o domínio dos artefatos tecnológicos à condição de ler e ser capaz de lidar, de maneira ética e criteriosa, com informações e saberes oriundos de diferentes fontes e em formatos muito diversos que, a todo instante, emergem das telas dos dispositivos digitais conectados à *internet*. Tais competências devem, ainda, favorecer os indivíduos nas suas relações interpessoais mais informais e também nas interações institucionais, a exemplo do que ocorre nas atividades de trabalho.

No campo pedagógico, esses Letramentos já constam em documentos normativos da educação no Brasil há décadas, orientando o desenvolvimento de práticas escolares de ensino-aprendizagem que, há muito, deveriam fazer parte do currículo e do cotidiano das atividades de sala de aula, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006). Entretanto, no que pese a existência de diretrizes e estudos produzidos para subsidiar o trabalho docente nesse sentido, e mesmo a escola possuindo salas de informática, com computadores e *internet* disponíveis para professores e alunos, as atividades propostas pelos docentes não conseguem dar conta dos interesses, curiosidades e necessidades dos alunos e do mundo contemporâneo, no que se refere ao uso eficiente e ético de recursos digitais como dispositivos aliados ao fortalecimento dos processos de ensino-aprendizagem.

Dentre os fatores que levaram à fragilização do letramento digital com finalidade pedagógica, podemos destacar a falta de capacitação e de atualização curricular do professor que, muitas vezes, não demonstra segurança para desenvolver práticas de letramentos digitais em sala de aula; a resistência, por parte de alguns docentes, em fazer usos de dispositivos digitais; a ausência de familiaridade em seu manuseio etc. Brito, Vieira e Pontes (2015), nesse sentido, ao analisarem a importância dada aos estudos de letramentos digitais, durante a formação inicial ofertada em um curso de graduação em Letras, demonstram que essas discussões, muitas vezes, não ocorrem de maneira explícita e sistematizada.

Somente com a pandemia da COVID-19 e a imposição do distanciamento social, essas tecnologias foram efetivamente incorporadas ao cotidiano escolar, porém de forma inesperada e diferente das indicações antes sugeridas por estudos e diretrizes curriculares, que consistiam basicamente na inserção gradativa dos recursos digitais em salas de aula e em outros espaços de aprendizagem circunscritos à escola.

A utilização foi urgente, não programada e, por isso, desencadeou uma série de dificuldades somadas às já existentes: "muito das aulas presenciais foi apenas transposto ao ambiente virtual, sem pertinência e sem planejamento, o que gerou experiências de ensino e de aprendizagem penosas, cansativas (ainda mais) e estranhas" (RIBEIRO, 2021, p. 07). Naturalmente integrados às novas tecnologias, os alunos pareciam estar mais preparados para lidar com questões de uso de instrumentais tecnológicos, em comparação aos professores com mais tempo de atividade em sala de aula e, conseqüentemente, com idades mais avançadas.

É necessário também considerar que no processo didático-pedagógico mediado pelas tecnologias digitais, exemplo do que ocorre no formato remoto, tanto o aluno quanto o professor estão em constante trajetória de aprendizados e de construção de conhecimentos. O impacto desses usos e dessa alteração nas práticas escolares, como destaca Ribeiro (2021), opera simultaneamente, o tempo todo, de modo que os retornos de quem aprende (alunos) são tão importantes quanto os de quem ensina, sem dissociar o processo de ensino do processo de aprendizagem.

Nessa discussão, é imprescindível à atuação do professor o domínio satisfatório dessas tecnologias, ou seja, de práticas de letramentos digitais, a fim de inseri-las em seus projetos e atividades didáticas. Para além do cumprimento curricular em aulas remotas ou mesmo híbridas, a perspectiva é orientar os discentes a lançarem mão dessas práticas como um recurso para aprender e para ensinar, e não apenas como instrumento de acesso às redes sociais ou a outras plataformas e aplicativos frequentemente utilizados por eles fora da instância e das atividades escolares.

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo se insere no domínio da pesquisa em Linguística Aplicada e segue os pressupostos das investigações de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) com viés interpretativista (MOITA LOPES, 1994), uma vez que buscamos construir sentido em relação às informações apontadas pelos dados gerados, e não apenas testar hipóteses e quantificar recorrências identificadas no *corpus* da pesquisa. Para tanto, a investigação se efetiva a partir dos dizeres dos professores participantes acerca de suas práticas de letramentos digitais (ou ausência delas), mediante o uso de artefatos digitais em interações informais e na condução de suas atividades de trabalho, mais



precisamente, em aulas ministradas remotamente durante o isolamento social, suscitado pela pandemia da COVID-19.

Participaram da pesquisa três professores, com idades de 60 a 67 anos, residentes e atuantes em instituições de ensino no interior do estado do Rio Grande do Norte (RN). No que diz respeito à escolaridade e à atuação profissional, os docentes participantes têm ensino superior completo, com especializações em suas áreas de atuação, que incluem Letras, Literatura e Tecnologias da Educação e são vinculados a instituições públicas de ensino federais, estaduais e municipais. No *corpus* em análise, esses participantes são referenciados como Professor 01 (**P1**), Professor 02 (**P2**) e Professor 03 (**P3**), seguindo os aspectos éticos que orientam as investigações em Linguística Aplicada. Kleiman (2002) lembra que tais aspectos postulam a adesão espontânea dos sujeitos participantes, o consentimento informado e o direito à privacidade, ao sigilo e à proteção de fontes.

Como instrumento de geração de dados, lançamos mão das entrevistas semiestruturadas como uma técnica do “perguntar” (ERICKSON, 1986), mediante um roteiro composto de 15 questões (ver apêndice). Essas entrevistas ocorreram remotamente, via aplicativo *WhatsApp* (chamadas de vídeos) e plataforma *Google Meet* (videoconferência).

O *corpus* de análise é constituído da transcrição das respostas geradas nas entrevistas, compreendendo o total de cinco páginas. Essas transcrições são realizadas seguindo as orientações propostas por Marcuschi (1991). Desse modo, utilizamos como marcadores: (+) para pausa; / para truncamento; /.../ para recorte de parte da fala do entrevistado; e (( )) para comentários inseridos pelo(s) entrevistador(es).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As práticas de letramento empreendidas pelos participantes da pesquisa estão vinculadas a três esferas da atividade humana: o domínio do trabalho, o campo da formação profissional e o âmbito das interações sociais. Em relação à atuação docente, foi possível identificar que esses professores, no período da pandemia e afastamento social, desenvolveram suas atividades laborais lecionando disciplinas predominantemente no formato remoto via *web*, mediante o emprego de dispositivos digitais (computadores de mesa, *notebooks* e *smartphones*) conectados à *internet*, conforme aponta o relato do Professor 01:

### Excerto 01

*Eu realizei ((o uso desses dispositivos)) para fins de trabalho e de me aperfeiçoar (+) mais a questão da qualificação para aprender mais e conseguir pôr em prática o exercício da docência /.../ as reuniões, encontros, apresentações, precisam ser nesses ambientes. Então, o que nos leva a isso ((a utilizar esses recursos)) é a necessidade mesmo (P1).*

A partir desse relato, observamos que o participante revela fazer usos dos artefatos digitais para fins profissionais, principalmente para o aperfeiçoamento e a qualificação no exercício da docência, remotamente, como reafirma no excerto a seguir:

### Excerto 02

*Eu procurei fazer mais cursos nesse período (+) os cursos que foram surgindo, que a universidade promoveu, eu consegui realizar alguns /.../ Então (+) com o uso do celular, acessar o WhatsApp mesmo. Agora, o computador, além d'eu utilizar também, ligando o celular, eu usei pra aprender mais os cursos que eu vinha realizando, saber mais sobre as novas tecnologias (P1).*

A busca por qualificação demonstra a preocupação desse profissional quanto a tornar-se proficiente no uso desses instrumentos em salas de aula (presenciais e remotas). Dito de outro modo, tem-se o fato que, assim como muitos professores, ele não estava preparado e se viu instigado a migrar para as plataformas digitais, utilizando equipamentos e aplicativos com os quais não tinha a menor experiência na maioria das vezes, conforme cita Ribeiro (2021). Ainda em relação à utilização de dispositivos digitais, os participantes também mencionam que esses artefatos fizeram diferença em suas atividades profissionais no período de afastamento social, para além do acesso a novos conhecimentos através de participações em cursos, mas também no que se refere à participação em eventos acadêmicos e formativos de nível nacional e associações (P2). Os dispositivos foram úteis por facilitarem e mediar o contato com discentes, familiares e colegas de trabalho (P1) e (P3), conforme declaram P1, P2 e P3 a seguir:

**Excerto 03**

**Fez** ((diferença)), apesar de eu já utilizar, mas tive que fazer com mais intensidade / porque as atividades docentes (+) e também como aluna do mestrado fizeram com o que eu tivesse que usar mais, né? Então eu fiquei muito ligada no uso do computador como também do celular. **O trabalho fez com que nesse isolamento precisasse utilizar mais esse recurso para se comunicar melhor (P1).**

**Excerto 04**

**Sim (+)** através desse contato não presencial, **consegui expandir os conhecimentos a nível nacional e participar de uma associação que faço parte /.../ A necessidade de participar de simpósios e outros trabalhos (P2).**

**Excerto 05**

**Fez e faz, né? Porque (+) através da tecnologia a gente pode nos comunicar, a gente pode rever a família, conhecer novas pessoas, pode aprender muita coisa /.../ é um instrumento muito importante em nossa vida, sem essa tecnologia seria / ficaria muito difícil a nossa vida (P3).**

Nessa perspectiva, a adesão às práticas de letramentos digitais pelos professores corrobora o dizer de Ribeiro (2014, p. 152), quando assegura que “as tecnologias nos ajudam ou nos permitem fazer coisas que talvez fossem mais difíceis ou mesmo impossíveis sem elas”. No caso da docência, esses artefatos conectados à *internet* puderam contribuir expressivamente para a melhoria das práticas de ensino, tornando-as mais eficazes, como também favoreceram o aprendizado, tanto do aluno quanto do próprio professor, transformando as atividades em práticas mais dinâmicas, atrativas e instigantes.

Em outras palavras, os usos desses recursos digitais proporcionaram tanto a efetivação do ensino quanto da aprendizagem, ocasionando benefícios para os professores, que tiveram de reinventar suas práticas, como também para os alunos, que tiveram a oportunidade de manusear, durante as aulas, dispositivos antes de uso restrito nas escolas. Via de regra, computadores e celulares nem sempre podiam estar conectados à *internet* no período de aulas nas instituições de ensino antes da determinação do isolamento social, sob a justificativa de que o uso desses dispositivos podia gerar dispersões na atenção dos alunos durante as preleções dos professores.

Corroborando esse posicionamento adotado pelas escolas, temos o pensamento de Paiva (2020, p. 56), ao salientar que embora “a mediação das tecnologias digitais já se infiltrara de forma enriquecedora nas práticas de linguagem de muitos professores e alunos, ainda era vista por boa parcela dos agentes educacionais como mera distração”.

No que diz respeito às dificuldades vivenciadas pelos docentes, ao fazerem uso do computador ou do celular conectado à *internet*, durante o afastamento social, podemos destacar que tais questões estiveram relacionadas ao desconhecimento do manejo

desses dispositivos, gerado pela ausência de prática constante, como observamos nos trechos destacados do seguinte depoimento:

**Excerto 06**

*./.../ o computador, a dificuldade com ele é a questão de muitas vezes eu percebo que a gente tem que praticar; aí vem o esquecimento, ver se **você aprende a manusear um equipamento e de repente eu esqueço / não consegui praticar mais (+) aí vem a dificuldade pra (+) é (+) utilizar** ./.../ não me liguei em utilizar melhor o computador, embora eu procure me atualizar, mas **a minha dificuldade é de não pôr em prática (+)** porque como tudo tem o passo a passo é possível você fazer seguindo o manual, mas a questão mesmo é a prática (+) **aí vem o esquecimento, né (+) é tanto que as vezes eu anoto (P1).***

Pelo fato de a utilização dos dispositivos digitais, antes do período pandêmico, não se configurar como uma necessidade urgente e obrigatória para a realização de suas atividades laborais, podemos observar que os professores participantes, assim como tantos outros, não tinham como foco o planejamento e a proposição de tarefas aos alunos. Essas resoluções se efetivariam pelo uso dos referidos artefatos, a fim de que os discentes pudessem tanto demonstrar o seu desempenho na apropriação de conteúdos, quanto aprimorar seus letramentos no manuseio dessas tecnologias, ampliando sua capacidade crítica quanto às práticas digitais. A esse respeito, Ribeiro (2020, p. 116) ressalta que “certas atividades e demandas podem gerar ótimos resultados quando feitos a distância, por pessoas que se veem por meio de telas, cada um(a) com a sua”.

Ainda observamos que, por vezes, o docente tinha os conhecimentos técnicos sobre a utilização desses dispositivos digitais, mas não o exercício recorrente para que pudesse assimilá-los e empregá-los eficazmente durante as aulas. Prova disso, é o fragmento do depoimento de P1, quando declara: “./.../ não me liguei em utilizar melhor o computador, embora eu procure é me atualizar, mas a minha dificuldade é de não pôr em prática” (P1).

A inexperiência quanto ao manuseio de tecnologias digitais é legitimada pelo dizer de Ribeiro (2020, p. 116), ao reconhecer que “nossas palestras e oficinas sobre ‘TDICs na escola’ estão nos relatórios, mas não nas práticas cotidianas”. Logo, muitas das orientações ofertadas em cursos e encontros com professores a respeito do uso desses artefatos não foram postas em desenvolvimento imediato e contínuo nas atividades escolares, daí as inseguranças e a falta de proficiência.

A seguir, o mesmo participante da pesquisa (P1) complementa o seu dizer, reforçando que a falta de prática se constituiu fator de impedimento para a ampliação de seus letramentos digitais. Ademais, acrescenta que a pouca ou nenhuma frequência no uso dos dispositivos digitais em suas atividades, gerou esquecimentos dos processos necessários à utilização exitosa dessas tecnologias. Em outras palavras, o desuso causou nos docentes o receio de não saberem manusear de forma satisfatória os referidos dispositivos, suscitando exposições negativas e emissão de críticas da parte de seus pares e, certamente, dos alunos, no decorrer de aulas e outros eventos que exigissem demonstrações de proficiência no campo digital. Essas questões estão manifestas no dizer subsequente de P1:

**Excerto 07**

*No computador a dificuldade é que temos que praticar, porque se não (+) vem o esquecimento de manusear uma ferramenta, porque não consegui praticar mais (+) ou **o medo de você tá errando e as pessoas ignorarem aquilo ali (P1).***



Os depoimentos também revelam que os participantes reconhecem as suas dificuldades e que, em muitas circunstâncias, recorreram à ajuda de outros agentes mais experientes nas práticas de letramento digital, como familiares, amigos e colegas de trabalho. O auxílio desses agentes cooperou para fornecer orientação e minimizar os embaraços enfrentados em eventos que exigissem habilidades e competências no uso do computador para o desenvolvimento de atividades de letramento, incluindo aquelas que são específicas do exercício da docência.

Acerca dessa questão, destacamos dois fragmentos de falas dos participantes:

**Excerto 08**

É, aqui depende da situação (+) eu **contei com ajuda sim (+) ajuda de sobrinhos, da pessoa que trabalha aqui na minha casa, é (+) de conhecidos, então (+) eu procuro assim (+) da menina que trabalha comigo no ensino à distância. Sempre eu estou procurando pra pedir orientação.** /.../ Então, **essa ajuda é assim bem variada**, porque eu não tenho vergonha de pedir ajuda a ninguém. Quem tá mais perto de mim, é (+) eu peço, como a minha sobrinha, o namorado da minha sobrinha / ele é muito paciente pra ensinar, eu digo que ele seria um bom professor, e também as pessoas que trabalha comigo no ensino à distância na secretária do polo, muito solícita também (P1).

**Excerto 09**

Contei **com a ajuda do meu filho (P3).**

Para o enfrentamento dessas dificuldades, os professores evidenciaram também a tentativa de atenderem a determinadas demandas de uso de artefatos digitais sem o auxílio de outras pessoas. Para isso, buscavam, por vezes, de maneira intuitiva, encontrar possíveis soluções para o enfrentamento de entraves surgidos em eventos de letramento, cuja proficiência na utilização dos artefatos digitais era indispensável. Ilustrando isso, tivemos as afirmações apresentadas por P1 e P3:

**Excerto 10**

Faço. **Eu vou lendo, eu vou procurando na internet, pesquisa e consigo fazer (+) por exemplo, eu tenho um notebook que ele já tá muito gasto, não tá com muita potência, tá muito cheio, eu não me dei conta que tinha / que tá apagando as coisas dele, e às vezes quando eu abro a tela ele aparece um letreiro e eu não consigo fazer nada (+) as vezes eu faço sozinha, vou pela intuição.** Ou então, eu acesso alguma coisa no Google, né, perguntando como é que faz tal coisa e aí eu vou fazendo (P1).

**Excerto 11**

Eu tento, busco também, eu tenho a ajuda dele ((do filho)), mas tem horas que se ele não tiver em casa, eu **tenho que enfrentar (+) buscar superar esse desafio, buscar ultrapassar essas barreiras, para superar (P3).**

Para justificar a ausência de domínio no uso desses dispositivos, os participantes apontaram como causa, a pouca frequência com que tais ferramentas eram aplicadas antes da pandemia. Mesmo com as orientações técnicas fornecidas pelas instituições de ensino, bem como as publicações de pesquisas em educação focadas na inserção de dispositivos digitais como recursos didáticos em aulas presenciais, os profissionais docentes não conseguiam percebê-los como artefatos imprescindíveis, tanto para a sua interação com os pares em outros âmbitos sociais, quanto para o desenvolvimento de atividades de trabalho na esfera escolar. Exemplo dessa realidade está nos dizeres de P1 e P3:

**Excerto 12**

**Eu era menos ligado nisso aqui ((computador conectado à internet)). /.../ Então, eu uso bem mais hoje, porque o próprio trabalho pediu o uso do computador e celular (P1).**

**Excerto 13**

Antes ((da pandemia)) era menos (P3).

Pelo exposto, é possível identificar os impactos e as transformações decorrentes da pandemia no cotidiano de trabalho dos professores, tal como se deu com os participantes da pesquisa. Tudo isso, devido à urgência com que tiveram de potencializar seus letramentos digitais a fim de reorganizarem suas práticas, a partir da utilização de novos recursos e ferramentas digitais conectados à *internet* nas atividades laborais e de interação social. Reafirmando isso, os participantes P1 e P3 declaram:

**Excerto 14**

*Eu uso mais agora o computador e celular, por motivo de trabalho /.../ o próprio formato de ensino remoto envolve uma participação maior da gente com o uso desses recursos (+) Outra questão que eu não sei se caberia / as salas de aula, Google Meet, por exemplo, eu não utilizava porque não tinha necessidade, não sabia fazer (P1).*

**Excerto 15**

*Agora é com mais frequência (P3).*

Com o afastamento social, as práticas de letramento digital, antes, não presentes em sala de aula, passaram a ser reconhecidas como relevantes pelos professores e a ocuparem espaço em suas aulas durante a pandemia e pós-pandemia. Essa experiência possibilitou que a produção de videoaulas, a aplicação de provas e questionários *on-line* e a realização de chamadas via *Google Meet* para reuniões e atendimento aos alunos fossem incorporadas às práticas escolares. Ponderando a respeito da longevidade dessas inserções, Paiva (2020, p. 67) assevera: “apesar da resistência natural às inovações, parece que muitas ferramentas digitais usadas na época de confinamento podem perdurar. Entretanto, é difícil prever quais dessas ferramentas vão desaparecer e quais recursos vão se popularizar”.

Não obstante, os novos usos desses recursos digitais estão relacionados às práticas docentes e à formação continuada, de modo que os letramentos digitais suscitaram ressignificações na vida dos profissionais da educação. Em seu relato, P1 destaca: “[...] estamos constantemente nos reinventando e tentando nos reinventar em nossas práticas sociais e docentes, com base no contexto no qual vivenciamos e estamos inseridos”. O referido participante ainda complementa:

**Excerto 16**

*Eu digo que a pandemia nos ensina a reaprender as coisas, até a rever nossos costumes, nossas condições sobre determinados fatos da vida / Esse aprender, ou esse reaprender, eu penso que foi assim uma necessidade primordial nesse momento que estamos vivendo, nós tivemos que nos reinventar (+) dessa necessidade de aprender novas atividades (+) e aí eu me lembro de Paulo Freire, quando ele diz que 'ninguém não sabe nada e ninguém não sabe tudo', a gente sempre tá aprendendo alguma coisa todo dia (P1).*

Em uma perspectiva ampla, as urgentes demandas da pandemia trouxeram muitos desafios e geraram muitas reflexões entre os atores sociais do domínio pedagógico. As instituições de ensino e os órgãos responsáveis pelo acompanhamento desse ensino, sobretudo, pela oferta de eventos de formação continuada aos professores, ainda têm muito a fazer no que se refere à capacitação e ao aprimoramento dos letramentos digitais docentes. O foco, nesse caso, deve pairar sobre a utilização das tecnologias digitais em atividades de sala de aula, em prol da aprendizagem dos alunos. Segundo aponta Ribeiro (2021, p. 14), ao tratar sobre o exercício da docência durante e após o ensino remoto,

[...] dadas as nossas condições precárias, antes e agora, poucos/as profissionais fizeram tanto esforço e tantas mudanças, em tão pouco tempo, quanto professores e professoras, em todos os níveis de ensino, simultaneamente. Resta viver para verificar o que foi aprendido e o que

poderá ser aperfeiçoado, em uma educação pós-pandemia, ajustada às questões do século XXI.

Isso posto, compreendemos a importância dos esforços desses profissionais no que respeita à coragem com que enfrentaram as dificuldades, as incertezas e as exigências emanadas nesse período. Mesmo diante da escassez de recursos e de saberes práticos e minimamente satisfatórios das tecnologias digitais, os docentes realizaram atividades de trabalho procurando ressignificar suas práticas de ensino. A busca pelo aprendizado dos letramentos digitais, não somente de forma instrumental, mas também criticamente, objetivava mais que o cumprimento de uma demanda imposta de trabalho; visava também oferecer um ensino de qualidade aos alunos.

O período pandêmico fez emergir todas essas questões, além de escancarar as desigualdades sociais ainda fortemente presentes na educação brasileira, na qual nem os professores nem os alunos tiveram as mesmas oportunidades. No caso dos professores, pesou a precariedade de equipamentos e de saberes específicos compatíveis com as exigências do ensino remoto; quanto aos alunos, destaque-se o flagelo das discrepâncias sociais e, conseqüentemente, as diferenças de oportunidades no acesso ao ensino *on-line*, em razão de uma série de fatores, dentre eles, a falta ou a insuficiência de dispositivos digitais e de recursos financeiros para o custeio dos serviços de *internet* e de outros acessórios fundamentais à sua participação nas aulas.

## 5 CONCLUSÃO

Os dispositivos digitais conectados à *internet* foram de grande valia para os professores participantes da pesquisa durante o afastamento social, tendo em vista que essas ferramentas contribuíram para que os docentes desenvolvessem atividades tanto na esfera escolar, quanto em outros domínios, caso da formação profissional. Além disso, os docentes puderam explorar as ferramentas digitais conectadas à *internet* para ter acesso a novas informações sobre assuntos diversos, realizando práticas não experienciadas até então, a exemplo da participação em eventos formativos de porte nacional.

Na brusca migração do ensino presencial para o remoto, vimos que os participantes apresentaram algum tipo de dificuldade em relação ao manuseio de aparelhos comuns do cotidiano docente, como computadores de mesa e *notebooks*. Assim, sempre que podiam, eles buscavam a ajuda de familiares, amigos e colegas de trabalho, ou, ainda, tentavam resolver tais questões intuitivamente. Essa postura aponta para a importância e a necessidade de formações voltadas não só para o uso instrumental dessas ferramentas, mas também para a sua utilização de forma crítica e reflexiva aplicada ao fazer docente. Nesse sentido, as formações devem potencializar nos professores a utilização dessas ferramentas, favorecendo a superação de práticas intuitivas e esporádicas e a adesão de objetivos claros e apropriados como parte das rotinas escolares.

Observamos também que a motivação que instigou os professores a aprenderem a realizar as tarefas de uso do computador e/ou celular tem relação, sobretudo, com as necessidades e demandas impostas pelo ensino remoto decorrente da pandemia por COVID-19, que impulsionou o uso dessas plataformas digitais para que o processo de ensino-aprendizagem pudesse se efetivar em nosso país. Logo, com a exigência do afastamento social, os professores foram pressionados a reinventarem e a ressignificarem

as suas práticas pedagógicas, sob a finalidade de melhorar o processo de aprendizagem do aluno mediante a inserção de novos letramentos digitais.

Com a realização da presente pesquisa, pudemos ter uma dimensão do papel que as práticas de letramentos digitais desempenharam, especificamente, no exercício profissional dos professores com mais de sessenta anos de idade no período pandêmico. Ademais, o contexto de suavização pós-pandemia e de retomada da vida social propalou muitas reflexões e novas proposições para a educação brasileira em suas diferentes modalidades, o que justifica a emergência de trabalhos como este, interessado em trazer a problematização do tema para o bojo das discussões acadêmicas.

Devemos ressaltar, contudo, que as questões abordadas e as dificuldades elencadas pelos docentes participantes em muito se assemelham ao vivenciado por milhares de outros professores Brasil afora.

De modo geral e, independentemente de idade ou de localização geográfica, a realidade social instaurada pela crise de saúde pública afetou a muitos profissionais de educação em nossa nação, os quais não tiveram acesso prévio a cursos de aperfeiçoamento direcionados aos letramentos digitais promovidos pelos órgãos de ensino. Nesse complexo cenário, a lacuna formativa e o conseqüente despreparo profissional quanto ao domínio desses letramentos talvez tenham sido as maiores razões que levaram os docentes a buscarem os seus próprios meios para atenuar os efeitos das questões enfrentadas em seu cotidiano de trabalho remoto.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRITO, L. T. A.; VIEIRA, D. D.; PONTES, A. L. O letramento digital no curso de Letras da UERN. **Diálogo das Letras**, v. 4, n. 2, p. 93-105, 2015.

BUZATO, M. E. K. Letramentos digitais e formação de professores. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE: EDUCAÇÃO, INTERNET E OPORTUNIDADES, 3, 2006, São Paulo. **Anais do III Congresso Americano Educarede**. São Paulo: Portal Educarede, 2006.

ERICKSON, F. **Qualitative methods in research in teaching**. New York: Macmillan, 1986.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KLEIMAN, A. Introdução: o que é letramento. In: KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 13-61.

KLEIMAN, A. A interface de questões éticas e metodológicas na pesquisa em Linguística Aplicada. In: SILVA, D. E. G.; VIEIRA, J. A. (org.). **Análise do discurso**: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: UnB: Plano, 2002. p. 187-202.

MARCUSCHI, L. A. A transcrição de conversações. In: MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 9-13.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da Abralin**, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2009.

RIBEIRO, A. E. Tecnologias na educação: questões e desafios para a produção de sentidos. **Revista Práticas de linguagem**, v. 4, n. 2, p. 152-158, 2014.

RIBEIRO, A. E. Tudo que fingimos (não) saber sobre tecnologias e educação. In: RIBEIRO, A. E.; VECCHIO, P. M. M. (org.). **Tecnologias Digitais e Escola**: reflexões no projeto "Aula Aberta" durante a pandemia (org.). São Paulo: Parábola, 2020. p. 111-117.

RIBEIRO, A. E. Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclos da precariedade. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-16, 2021.

PAIVA, V. L. M. O. Tecnologia durante o confinamento. In: RIBEIRO, A. E.; VECCHIO, P. M. M. **Tecnologias Digitais e Escola**: reflexões no projeto "Aula Aberta" durante a pandemia (org.). São Paulo: Parábola, 2020. p. 57-69.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

XAVIER, A. C. S. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas/SP, 2002.





## APÊNDICE – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

### QUESTIONÁRIO DA PESQUISA “O PROFESSOR E SUAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 E AFASTAMENTO SOCIAL”

1. Gênero: M ( ) F ( )
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Escolaridade: \_\_\_\_\_
4. Cidade: \_\_\_\_\_
5. O uso do celular ou do computador conectado à *internet* fez alguma diferença no seu dia a dia no período do afastamento social? Por quê?
6. O que o(a) senhor(a) conseguiu realizar com o uso do celular ou do computador conectado à *internet* durante a pandemia?
7. Com que finalidade o(a) senhor(a) realizou esses usos?
8. O(A) senhor(a) teve alguma dificuldade em fazer uso do computador ou do celular conectado à *internet* durante o afastamento social? Que tipo de dificuldade(s), por exemplo?
9. Na sua opinião, por que essas dificuldades ocorreram?
10. O(A) senhor(a) contou com a ajuda de alguém para lhe auxiliar ou orientar a fazer uso do celular ou do computador conectado à *internet*? Quem lhe forneceu essa ajuda?
11. Além dessa ajuda, o(a) senhor(a) fez algo sozinho(a) para enfrentar essas dificuldades? O que, por exemplo?
12. Antes da pandemia, o(a) senhor(a) usava com mais ou menos frequência o celular ou o computador conectado à *internet*? Por quê?
13. E agora, no período pós-pandemia, com que frequência faz esses usos?
14. Antes da pandemia, existia algum tipo de atividade que o(a) senhor(a) não fazia ou não sabia fazer com o uso do computador ou do celular conectado à *internet* e, no momento, já consegue realizar? O que, por exemplo? Por que não conseguia ou não sabia fazer?
15. O que levou o(a) senhor(a) a realizar ou a aprender a realizar essa(s) tarefa(s)?

Artigo recebido em: 02/02/2023

Artigo aprovado em: 10/08/2023

Artigo publicado em: 14/08/2023

#### COMO CITAR

FONSECA, A. V.; SILVA, P. M. G. da; PAZ, A. M. de O. Letramento digital de professores: um estudo de suas práticas e dificuldades em tempos de pandemia e afastamento social. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-14, e02319, 2023.